

# A PROJEÇÃO E OS PARADOXOS DE GILBERTO FREYRE NO PLANO INTERNACIONAL

## Uma leitura dos debates sobre raça durante a Guerra Fria



Leonardo Leal Esteves  
Universidade Federal de Sergipe  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia | São Cristóvão, Brasil  
Universidade Federal de Pernambuco  
Departamento de Antropologia e Museologia | Recife, Brasil  
leonardolesteves@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-3728-5575

---

SILVA, Alex Gomes da. 2019. Gilberto Freyre no Pós-Guerra: por um modelo alternativo de civilização. São Paulo: Editora Unifesp. 312p.

---

**N**ão há como ficar indiferente a Gilberto Freyre. Independentemente da compreensão que se tenha em relação à sua vida e obra, conhecer a trajetória e a produção do sociólogo pernambucano é fundamental para compreender aspectos importantes da nossa historiografia e entender parte das contradições e conflitos da sociedade brasileira. Por esta razão, a biografia e os trabalhos de Freyre têm sido objeto de inúmeras análises que ora enaltecem, ora lhe impõem consideráveis críticas.

Há, entretanto, algumas particularidades pouco conhecidas ou raramente exploradas com a devida atenção no percurso e na produção do autor. São alguns destes aspectos que Alex Gomes da Silva procurou revelar no livro *Gilberto Freyre no*



*Pós-Guerra: por um modelo alternativo de civilização*, publicado em 2019, pela Editora Unifesp.

Escrito originalmente como sua tese de doutoramento, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo – USP, e tendo a contribuição de debates e pesquisas realizadas pelos integrantes do Grupo de Estudos sobre a Guerra Fria da USP, o livro aponta o envolvimento de Gilberto Freyre com a Organização das Nações Unidas (ONU) e o papel que a sua obra desempenhou nas discussões em torno da agenda racial no pós-guerra no plano internacional. De modo particular, o autor revela, dentre outros aspectos, parte das premissas teóricas e dos caminhos que levaram Freyre a atuar como uma das vozes importantes na ONU nos debates contrários ao Regime do Apartheid na África do Sul na década de 1950.

Para isso, Alex Gomes da Silva buscou tecer um mapeamento da circulação das ideias de Freyre a partir de diferentes obras, artigos em jornais, conferências, relatórios e registros da participação do autor em eventos no Brasil e missões diplomáticas no exterior, encontrados no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Lisboa, na Fundação Joaquim Nabuco e na Fundação Gilberto Freyre no Recife, em Pernambuco.

Nessa obra, Silva examina como Freyre procurou projetar a América Latina e o Brasil, de modo particular, no plano internacional, como “modelos alternativos de civilização” frente à influência das potências imperiais representadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética durante a Guerra Fria. Como uma espécie de “terceira força cultural”, a experiência dos países latino-americanos e do Brasil poderiam, na visão do sociólogo pernambucano, contribuir para a resolução das tensões raciais no pós-guerra, a partir da valorização de características que, supostamente, estariam associadas às raízes das tradições culturais luso-hispânicas.

Para análise dessas questões, o livro está estruturado em quatro capítulos. No primeiro, *A tradição luso-hispânica como condutora das relações raciais nos trópicos. A defesa do iberismo: diálogos com a crítica* o autor aborda aspectos relacionados à célebre e controvertida tese de Freyre de que o legado colonial ibérico e católico nos tópicos teria favorecido relações de maior tolerância, cordialidade e humanismo nos países da América Latina e no Brasil. Estas características, em sua visão, estariam

ausentes nos países mais fortemente influenciados por tradições culturais anglo-saxãs.

No segundo capítulo, *O Brasil como líder da civilização tropical. A ação da cultura luso-hispânica no pós-guerra*, Silva analisa como Freyre defendia a importância de manutenção de valores associados às tradições culturais portuguesas e hispânicas no Brasil. Na visão freyriana, esta manutenção contribuiria paradoxalmente como uma espécie de proteção contra novas formas de imperialismos vigentes na época, de características marcadamente etnocêntricas. Como exemplo destas novas formas de imperialismo, estaria o projeto do pan-americanismo de Roosevelt e outras influências norte-americanas durante a Guerra Fria. Ao Brasil, segundo Freyre, caberia ocupar o papel de liderança internacional, como uma “civilização tropical” com valores que serviriam de modelo para as demais nações.

O terceiro capítulo *Freyre e a questão racial no pós-guerra. As relações raciais no Brasil como resultado da presença ibérica na formação da sociedade brasileira*, trata mais diretamente da participação de Freyre como consultor da ONU em missões diplomáticas nos debates sobre os problemas raciais no mundo. Neste capítulo, Silva aborda a aproximação cada vez maior de Freyre com Portugal e o percurso trilhado pelo sociólogo pernambucano para a produção de um relatório, a pedido pelo Secretário Geral da ONU em 1954, sobre as tensões raciais na África do Sul. Neste ponto, Silva revela uma perspectiva ainda menos explorada pelos demais analistas acerca do paradoxo da vida e obra freyriana.

A autoridade internacional adquirida por Freyre naquele período e os elogios feitos por ele a supostos valores da colonização ibérica passaram a ser estrategicamente evocados pelo Estado Salazarista em Portugal, em dado momento, como argumentos para a manutenção de diversas colônias portuguesas em países da África. Isso ocorreu, a despeito de intensos conflitos internos naqueles países e de um crescente movimento anticolonialista no continente africano. O relatório produzido por Freyre para a ONU, com argumentos contrários ao modelo de desenvolvimento segregacionista proposto pelo Regime do Apartheid na África do Sul, com isso, acabou tendo pouca acolhida no âmbito internacional em razão de suas premissas controversas e pela atuação do Estado português frente às suas colônias na África naquele período.

No quarto e último capítulo *O legado ibérico: o Brasil como 'terceira força cultural' e proposta de modelo de civilização no pós-guerra*, Silva retoma detalhes da participação de Freyre na agenda política brasileira no pós-guerra. Além disso, explora os argumentos utilizados pelo sociólogo em torno do papel que deveria ser ocupado pelo Brasil no plano internacional como uma “terceira força cultural”, frente às principais potências da Guerra Fria. Para isso, analisa particularmente a produção freyriana entre as décadas de 1950 e 1960. Silva conclui que o argumento central de Freyre em torno da defesa do protagonismo a ser ocupado pelo Brasil e dos debates sobre raça realizados pelo sociólogo no plano internacional estaria relacionado a algumas tradições culturais atribuídas ao iberismo nos trópicos. Para Freyre, a cultura deveria ocupar um papel central nos debates sobre os conflitos raciais no pós-guerra.

Considerando que grande parte dos analistas se voltam para as contribuições e as contradições da vida e obra de Freyre para o entendimento interno de nosso país - dilacerado historicamente pela violência cotidiana e extermínio do povo negro e pela dizimação secular dos povos indígenas - o livro de Alex Gomes da Silva se destaca ao lançar um olhar sobre a trajetória e o impacto da produção do sociólogo para além do próprio território nacional. Tendo em vista que a vida e obra de Gilberto Freyre ocupa um capítulo importante na formação das ciências sociais no Brasil, o livro *Gilberto Freyre no Pós-Guerra: por um modelo alternativo de civilização* traz uma contribuição fundamental para entender da projeção e do paradoxo dos trabalhos de Gilberto Freyre nos debates sobre raça no plano internacional.

Enviado: 27 de janeiro de 2021  
Aceito: 2 de fevereiro de 2021